

Las Hurdes, Terra Sem Pão

um filme de Luís Buñuel

1932 | Espanha, França | 29 min | M/16

Las Hurdes, Terra sem Pão: Escritos de Luis Buñuel

Antes de projectar diante de vós o filme objecto deste encontro, gostaria de dizer umas breves palavras explicativas sobre certos aspectos da região que vão visitar e que, ou não estão no filme ou apenas estão indicados sumariamente.

A minha intenção ao realizar a obra foi transcrever os trechos que a realidade me oferecia de um modo objectivo, sem interpretá-los, e, menos ainda, sem os inventar. Se fui com os meus amigos a essa região incrível, fi-lo atraído por um intenso dramatismo, pela sua terrível poesia. O pouco que conhecia dele pelas minhas leituras, tinha-me comovido. Sabia que lá, durante séculos, uns seres humanos se encontravam a lutar contra um meio natural hostil e que o faziam sem esperanças de chegar a vencê-lo. Tanto os viajantes como os geógrafos concordavam em classificá-lo de inabitável.

E, contudo, o clima lá é suave, a água abundante, a vegetação estende-se por todo o lado. Mas o clima, a água, a vegetação, a terra, parecem querer estrangular a vida humana em vez de favorecê-la. Se há abelhas que dão mel, ele não se pode comer porque é amargo. Se as águas são puras, são também nocivas pela sua pureza, pois estão desprovidas de sais minerais essenciais. Servem, em troca, de berço para o terrível mosquito *anopheles*. Todos os habitantes da região têm malária.

Enunciemos o nome desta região. Chama-se Las Hurdes e está situada no oeste de Espanha, muito próximo da fronteira portuguesa.

Até há muito pouco tempo, Las Hurdes encontrava-se incomunicável com o resto do mundo por grandes e labirínticas montanhas, inacessíveis se não para um alpinista, pelo menos para as relações humanas. Não havia meios de comunicação com o exterior, nem tão pouco entre os povos do interior. A primeira condição que se requer para que os homens esculpam um caminho é que este conduza a algum sítio. Pois bem: Las Hurdes não conduz a nenhum sítio. É uma região isolada, à margem de toda a atividade humana. É não só hostil ao homem, como rebelde ao trânsito humano.

Hoje existe uma estrada que cruza o sul do país. Enviaram-se médicos; abriram-se escolas. Mas os povos das regiões altas continuam incomunicáveis como sempre.

Para mostrar até que ponto é extremo o isolamento das aldeias hurdanas entre si, irei contar o caso de um dos habitantes que nos disse que não via há mais de vinte anos uma filha sua que se tinha casado com um vizinho de outra aldeia. As ditas aldeias não estavam afastadas por mais de seis milhas. Mas eram necessárias muitas horas de caminho, atravessando matagal, por caminhos íngremes, para a visitar e um hurdano precisa de empregar todo o seu tempo, todas as suas energias, no duro trabalho quotidiano numa terra que apenas chega a dar-lhe pão.

Las Hurdes era desconhecida da maior parte dos espanhóis até 1922. A viagem que Afonso XIII, ex-rei de Espanha, fez até lá deu a esta região uma certa visibilidade, atraindo atenção pública. Disse-se de imediato que a existência de tal região era a vergonha da Espanha. Pessoalmente, não acredito nisso. O problema hurdano é tão profundo, tão misterioso, que vai para além de uma simples disposição do governo. O nosso grande espanhol Unamuno disse, quicá paradoxalmente, que Las Hurdes é mais a glória que a vergonha de Espanha. Não será admirável e patética a incessante luta de um punhado de homens que

tentam subsistir, trabalhando hora após hora, século após século, sem desmaiar na empresa? E se na realidade a existência de um tal estado das coisas fosse uma vergonha para a Espanha? O país que se encontre livre de toda a vergonha social que atire a primeira pedra.

O primeiro documento histórico que possuímos sobre a existência de Las Hurdes aparece no século XVI em forma de comédia escrita pelo príncipe dos engenhos espanhóis Lope de Vega. Ele não visitou Las Hurdes, mas ouviu falar dela como uma região primitiva, de vida arcádica. É curioso que a descoberta desta região pelos espanhóis coincide com a da América. Eterna contradição do génio espanhol. Descubra simultaneamente o céu e o inferno.

Acredita-se que os primeiros a povoar Las Hurdes se instalaram no início do século XVI. Eram judeus que fugiam da perseguição que sofriam por parte dos Reis Católicos e que procuravam refúgio naquela região perdida. A população aumentou mais tarde com alguns *outlaws* que também fugiam da justiça. Durante os séculos que se seguiram, apenas escassas pessoas visitaram esse país onde a vida humana acaba de instalar-se tão incrivelmente.

Seria alargar muito esta breve introdução se contasse os vários e engenhosos meios de que se valeu a natureza para regar com sangue novo as veias dos hurdanos, evitando assim a sua total degeneração. Creio ainda que se fala disso no filme.

Nem é o momento oportuno para dar uma lista com referências literárias ou científicas sobre Las Hurdes. Espanhóis e franceses ocuparam-se frequentemente delas. Estamos, porém, obrigados a citar o documento mais precioso de todos, o livro escrito em 1929 pelo professor francês Maurice Legendre. Durante vinte anos consecutivos visitou a região e fez sobre ela um estudo admirável pela sua profundidade e rigor científico. Disse o professor Legendre que Las Hurdes não é parecida com nenhuma das restantes regiões existentes devido a duas características: a miséria e a dor.

Sem dúvida, há muitos povos no mundo que vivem em condições precárias e miseráveis: povoados do Atlas marroquino, aldeias chinesas, conglomerados hindus, etc. Mas, em geral, se as condições de existência de um povo se tornam impossíveis, permanentemente impossíveis, o povo emigra em massa para encontrar o seu sustento num meio menos hostil. Nada disto acontece em Las Hurdes. Se individualmente emigra algum dos seus habitantes, é para regressar de seguida. Morrem se permanecem na sua terra e, se os tiram dela, morrem por retornar. Encontrámos hurdanos que falavam francês. Tinham trabalhado em França como jornaleros e, logo que conseguiam poupar dinheiro, apressavam-se a regressar. Também encontrámos um hurdano que tinha estado na América.

Em geral, os povos de miséria permanente ou emigram em massa ou dá-se lentamente a sua despovoação, acabando por desaparecer. Em Las Hurdes, acontece tudo ao contrário. Não só não há a despovoação, como o número de habitantes aumenta anualmente, estando atualmente superpovoada. Como explicar um acontecimento tão anómalo?

Assim, o que caracteriza Las Hurdes enquanto exemplo único da sociedade humana não é a miséria, mas o estado permanente dessa miséria. Não é a dor, mas o estado permanente dessa dor. Na lenda que tinha sido criada sobre Las Hurdes, predomina a crença no seu lado selvagem. Nada há mais oposto à realidade. Se há algo a que essa gente não se assemelha é a tribos selvagens. Na maioria destas a vida é paradisíaca. O homem apenas com o esticar do braço recolhe os frutos oferecidos pela natureza. Não existe conflito espiritual entre o selvagem e a realidade. A civilização primitiva corresponde à cultura primitiva. Mas, em Las Hurdes, a civilização primitiva corresponde a uma cultura actual. Possui os nossos próprios princípios morais e religiosos. Possui a mesma língua. Tem as nossas próprias necessidades, mas os meios para satisfazê-las são em certos aspectos quase neolíticos.

Não sei se existe uma sociedade humana que possua menos utensílios que os hurdanos. Conhecendo como nós a terrível complicação maquínica da nossa época, os seus instrumentos de trabalho são escassos e primitivos. No Atlas de Las Hurdes não existe o arado, nem os animais de tracção e carga. Não há armas de fogo, nem brancas. Apenas há animais domésticos: por exemplo, não há cães nem gatos. Logo veremos no filme que classe de animais existem ali. Não há veículos sobre rodas. Não há copos, nem garrafas, nem garfos. Para quê alargar mais a lista?

Imagine-se a minha surpresa quando um dia descobri numa das aldeias – certamente a melhor de todas – nada menos do que uma máquina de costura, um pouco antiquada e bolorenta, mas uma autêntica máquina Singer.

Os poucos utensílios que podem encontrar-se terão sido importados de Castilla ou Extremadura por hurdanos que foram mendigar àquelas terras. Em Las Hurdes não se fabrica nada. Não há artesanato. Um hurdano disse-nos que era padeiro, mas há muito tempo que não exercia a sua profissão por não ter massa para fabricar o pão. E essa é a principal razão da carência de artífices: a falta de matérias primas devido à miséria, que impede a sua importação, já que o solo de Las Hurdes não produz mais que urze e esteva.

E as roupas dos hurdanos? São como as nossas: blazer e calças para os homens, saia e corpete para as mulheres. Mas tão remendados que apenas restam pedaços da tela primitiva. Contei a um deles setenta e dois remendos diferentes.

Outra coisa incrível da região em causa é que não tem folclore.

No tempo que ali estivemos não ouvimos uma única canção.

Os homens trabalham em silêncio, sem que nunca uma canção os ajude a lidar com a sua vida dura. O silêncio de Las Hurdes é único no mundo. Na realidade, não é um silêncio de morte: é um silêncio de vida. Talvez menos poético, mas muito mais terrível que o outro.

Nem vimos desenhos nos muros ou nas rochas hurdanas. Porém, na própria entrada de Las Hurdes, em Las Batuecas, encontra-se encravada uma das estações mais interessantes de arte rupestre. Ou seja, há milhares de anos a região era um foco de cultura humana e hoje os homens que povoam esses mesmos lugares desconhecem a expressão artística.

O carácter dos hurdanos é de uma grande brandura. Se falam, é para se lamentarem da sua desgraça, da sua escravidão naquela terra cruel. Os seus costumes são simples. O duro trabalho quotidiano não lhes permite relacionarem-se desinteressadamente. Não existem o lazer e a distracção amável. Devido à estreiteza das suas vivendas, estão obrigados a viver num só compartimento os membros de toda a família. Esta mescla favorece sem dúvida o incesto, e existem casos em Las Hurdes. É talvez o único flagelo de carácter moral de que eu poderia acusá-los, mas podemos dizer, como dizia Santo Tomás, que para se poder ser virtuoso, é necessário um mínimo de bem-estar social. E esse requisito falha por completo em Las Hurdes. Muitas soluções se têm proposto para resolver aquele agonizante problema social. Não podemos examiná-las agora. Diremos apenas que nenhuma delas se revelou eficaz, apesar de algumas terem sido postas em prática. Talvez a melhor solução seja aquela que nos deu uma velha hurdana com a qual nos cruzámos um dia num caminho improvável. Quando nos viu, depositou em terra a gavela de lenha com que ia carregada e veio até nós. «Vocês são engenheiros – disse-nos – e vêm remediar a nossa pobreza? Pois saibam que não tem remédio. Se querem salvar-nos deste inferno, tirem-nos daqui à força, já que não saímos daqui pela nossa própria vontade».

E, de facto, assim era. Para terminar com o problema de Las Hurdes tinha que se tirar dali à força os seus habitantes, distribuindo-os por outros lugares de Espanha e distribuir para sempre as suas míseras aldeias.

Legendre acaba por apoiar a tese da velha hurdana quando diz: «Las Hurdes nasceu devido ao seu isolamento. Quem sabe se, através da sua aproximação ao mundo por meio de caminhos, acabará por desaparecer?». Mas uma estrada terá sido traçada e os seus habitantes ainda não fugiram por ela. Ali continuam para confusão dos sociólogos e pensadores.

Se Las Hurdes constituem, não só pela sua extensão e número de habitantes, mas também por outras características, um exemplo único da sociedade humana, há, porém, outros lugares da Europa onde a vida se desenvolve em condições parecidas. Mas são casos isolados que não atraíram até agora atenção dos homens da ciência. Além disso, estão em vias de extinção. Por exemplo, em França, nos Alpes de Saboia, existiam há vinte anos dois povos deste género. Hoje não há mais que um e desaparecerá, provavelmente, muito em breve. Tal como as aldeias hurdanas, permanecem à margem das relações humanas e durante seis meses a sua comunicação é absoluta por estar rodeada de neve. Os seus habitantes fabricam, uma só vez por ano, o pão, com algumas leguminosas e fécula, que constitui a base da sua alimentação.

Quase todos os habitantes são anões e cretinos e, se algum se desenvolve com inteligência normal, foge logo daqueles lugares. Apenas aí se começam a diferenciar de Las Hurdes.

Temos visto que uma das coisas desconhecidas em Las Hurdes é o ócio. Por outro lado, no povo saboiano existe um terrível ócio invernal, já que os habitantes se vêm obrigados durante seis meses a permanecer fechados em casa. Nessas condições, a mescla de indivíduos consanguíneos aparece com características endémicas.

Também na Checoslováquia e Itália parecem existir povos que reúnem condições parecidas com os já mencionados. Mas as referências que tenho sobre eles são escassas devido à completa falta de literatura científica sobre os mesmos. Não os visitei.

As minhas ocupações profissionais, em primeiro lugar, e as condições da Europa durante os últimos anos fizeram fracassar uma expedição que, juntamente com o médico psiquiatra Dr. Lacan, do Hospital de Sainte Anne de Paris, tínhamos planeado a esses focos de civilização atrasada existentes na Europa. Mas não perco a esperança de poder fazê-la um dia.

Quero terminar este exórdio com um agradecimento aos amigos que trabalharam comigo generosamente para obter o filme. O nosso trabalho foi feito por amor a essa miserável região. Eu, que antes tinha encontrado empresas e particulares para realizar os meus restantes filmes, não consegui dinheiro suficiente para produzir este. Na Europa apenas existem, como na América, entidades culturais, ou mecenas, que financiam filmes educativos. Foi um modesto anarquista espanhol, Ramón Acín, quem me ofereceu todas as suas poupanças para realizar o filme. A quantia oferecida ultrapassava os mil dólares. E esse foi o único capital empregue.

Por um estranho capricho dessa moderna inquisição que é a censura cinematográfica, foram suprimidas algumas partes na França, especialmente na primeira bobina, e o filme ficou tal como o vão ver. Nessa primeira bobina há dois erros que me interessa corrigir agora. Eles foram já corrigidos na nova versão que foi a que se projetou em alguns países europeus, mas, por equívoco, enviaram-me para a América a versão sem corrigir a primeira bobina. Estes erros, à parte de alguns sonoros, são: no título ao início diz-se que o filme foi feito durante a Primeira República Espanhola. Leia-se «Segunda República». O outro erro é o título. Na Europa é conhecido pelo título *Land without Bread* e não o de *Unpromised Land* que é o que agora lerão.

Excerto de *Escritos de Luis Buñuel*, editora Páginas de Espuma, 2000